



GRAMSCI E UMA TEORIA GERAL DO MARXISMO - I

Angelo d'Orsi¹

Resumo

O jovem Gramsci imediatamente mostrou uma atitude de simpatia em relação ao marxismo e ao próprio Marx, mas não sem elementos críticos. Além disso, sua formação acadêmica, universitária e pessoal é marcada por uma grande abertura cultural. Ele rejeita qualquer posição de obediência dogmática a Marx, que ele não considera uma divindade para adorar, mas o iniciador de uma jornada crítica voltada para a libertação da humanidade. A dupla revolução na Rússia parece confirmar a análise e previsão de Gramsci: Uma revolução contra a letra de Marx, mas que interpreta seu espírito.

Palavras-Chaves: Marxismo, Gramsci, Filosofia da Praxis, Revolução Russa, Marx.

Abstract

The young Gramsci immediately showed a sympathetic attitude to Marxism and to Marx himself, but not without critical elements. Moreover, his scholastic, university and personal training is marked by a great cultural openness. He rejects any position of dogmatic obedience to Marx, which he does not consider a divinity to worship, but the initiator of a critical journey aimed at the liberation of humanity. The double revolution in Russia seems to confirm Gramsci's analysis and forecast. A revolution against the letter of Marx, but which interpretes its spirit.

Keywords: Marxism, Gramsci, Praxis Philosophy, Russian Revolution, Marx.

¹ Docente de História do Pensamento Político no Dipartimento di Studi storici da Università di Torino / Itália. Diretor das revistas *Historia Magistra* - Rivista di storia critica e *Gramsciana* - Rivista Internazionale di studi su Antonio Gramsci.

A relação de Antonio Gramsci com Marx começou nos anos do ensino médio em Cagliari, graças a seu irmão mais velho, Gennaro, por volta de 1910. Gennaro era filiado ao Partido Socialista e introduziu Gramsci no universo político, mas também ideológico, do marxismo. No entanto, será a experiência de Turim a consolidar, juntamente com a militância na organização socialista, um primeiro contato com Marx, graças tanto aos encontros e discussões com os camaradas do partido, quanto ao ensino de alguns professores, principalmente de Annibale Pastore, que na época ministrava cursos sobre Marx. O jovem Gramsci, apesar de não ter feito nenhum exame com esse professor, foi seu aluno. Existem elementos para acreditar que houve influência da leitura de Marx proveniente de Annibale Pastore, que certamente se encontra no limite da heterodoxia: de fato Pastore foi um dos primeiros introdutores da filosofia analítica de matriz anglo-saxônica na Itália, uma corrente na época distante e estranha ao marxismo.

Podemos encontrar aqui um dos fios que levarão ao particular marxismo gramsciano. Sabe-se que suas leituras, entre os vinte e os vinte e cinco anos, foram variadas, com uma forte presença e uma clara prevalência da literatura criativa. No nível filosófico, podemos citar autores pertencentes a várias linhas de pensamento, muitas vezes conflitantes com o marxismo. Há quem tenha argumentado e ainda argumente, em nome da conhecida linha de descontinuidade total entre este Gramsci e o dos *Quaderni*, que na fase juvenil Marx, embora lembrado com certa frequência, não apenas não represente para Gramsci um ponto de referência teórico, mas até constitua um obstáculo, pois “lhe parece inutilizável na conjuntura histórica que se iniciou com a guerra” e, portanto, o jovem não encontra nada melhor do que fazer uma obra de “limpeza e filtragem” através de Sorel (cf. IZZO, 2009, p. 81-92). Naturalmente, seguindo essa interpretação, o verdadeiro Gramsci marxiano, se não marxista, só existiria nos *Quaderni del Carcere*, onde o retorno a Marx coloca-se em um contexto histórico muito diferente e, novamente, ao lado de Marx, haveria Lenin, em positivo, e Croce e Gentile, em negativo (cf. Idem, p. 82).

Contudo, uma crítica negativa nos anos do trabalho jornalístico está bem presente, mas reservada por Gramsci não a Marx, mas aos marxistas, ou pretensos tais, ou talvez melhor, àqueles que usam Marx para credenciar linhas políticas ou análises intelectuais que têm pouco ou nada a ver com o fundador. O alvo favorito, de acordo com a linha Engels-Labriola, mas também Croce, é Achille Loria, que tem a insolência de se

apresentar como o Marx italiano e, como tal, é apresentado por sua vez. Gramsci, ao invés, contrasta Loria com Marx: a primeira nota é a caricatura da segunda, quase sua derrubada, de uma ciência verdadeira para uma ciência falsa. A comparação é explicitada em um artigo de 1918 (“Achille Loria”, *Il Grido del Popolo*, 19 de Janeiro 1918: *La città futura*, 1982, pp. 513-517) no qual ele lida com “o fenômeno Loria”, que “continua a existir, embora atenuado”: Gramsci não se conforma com o fato de que Achille Loria é “ainda, para muitos proletários, um homem santo”. É possível dizer, para usar um léxico do próprio Gramsci, que a ideia de Loria cientista social, perpetuador da obra de Marx, havia se tornado senso comum. Gramsci reitera:

No entanto Achille Loria não é mais levado a sério por ninguém. O duro golpe de taco que lhe vibrou Federico Engels em 1895, quando ele fez com que os leitores do terceiro livro do *Capital* soubessem que Loria tinha plagiado trivialmente as ideias de Marx e na falta de cultura geral do público de revistas e jornais havia se tornado bonito com penas de pavão, não foi suficiente em alertar.

E no final, reitera o confronto impiedoso com Marx, Loria,

ele nada mais é do que um rei dos ciganos, como aquele cuja imaginação bizarra e afetada imaginava um cadáver arrastado pela corrente de um rio germânico, enquanto uma pergunta assombrou seu cérebro: é esse rei dos ciganos Carlo Marx? Sim, Achille Loria é aquele rei dos ciganos, não Carlo Marx: rei com uma coroa de papelão dourada e mantos pomposos de trapos multicoloridos. Rei dos ciganos da ciência, do pensamento, dos estudos, da seriedade.

Marx, portanto, parece antes de tudo um bastião do rigor científico: e aqui parece emergir aquela escola positiva de Turim na qual “o estudante que não se tornou doutor em filosofia” se formou, integrando sua própria seriedade natural com aquele ambiente, com o húmus da severa escola crítico-filológica da Universidade de Turim, com a “escola do método histórico”, como foi chamada. Mas não há nenhuma tentação em Gramsci de encapsular Marx na “ciência positiva”: como em toda a sua reflexão teórica, ele usa as filosofias idealistas, vitalistas, intuicionistas (Croce, Gentile, Bergson, Sorel...) para temperar a cultura positiva, produzindo uma mistura original, a partir desse período, na qual não é possível uma elaboração completa. Um Marx original, que emerge na rica produção jornalística dos anos da guerra, enquanto que desde o final de 1918 Gramsci redireciona sua própria produção de textos para uma análise precisa dos acontecimentos e dos protagonistas da luta de classes.

Em seu diálogo crítico, principalmente polêmico, com o mundo da religião e do catolicismo em particular, Gramsci lhe contrapõe o socialismo como “fé”: a religião socialista – religião racional, fundada na “filosofia moderna” – terá que matar a religião

com base no irracional, na necessidade de segurança dos indivíduos, em seus medos. Os socialistas não são “infelizes”, “mendigos” ou “pobres”: a deles não é “uma doutrina de escravos em revolta”, mas sim “uma doutrina de dominadores que em seu trabalho diário preparam as armas para dominar o mundo” (GRAMSCI, *Audacia e fede*, in «Avanti!», 22 de Maio 1916: *Cronache torinesi*, 1980, p. 329). Marx é, contudo, o farol que guia o exército proletário, que o arma ideologicamente, que lhe dá força e, acima de tudo, consciência dessa força.

Uma posição que se coloca sobre uma linha pouco ortodoxa, comparada às linhas predominantes no marxismo italiano, onde o pensamento de Antonio Labriola não teve grande resultado, será a do próprio Gramsci em focar sua atenção nele. Na época, prevalece claramente uma concepção determinista e mecanicista, que parece unir socialistas reformistas e socialistas revolucionários...: todos parecem, em todo caso, dar espaço às condições objetivas, negligenciando a subjetividade, fazendo com que a situação prevaleça sobre o indivíduo, o econômico sobre o político, em síntese. Em vez disso, o jovem Gramsci parece estar caminhando para uma rejeição dessa orientação. A cultura e a vontade são as ferramentas das quais os indivíduos se aproveitam para entrar na história e serem protagonistas dela.

No mesmo ano do um artigo famoso *Socialismo e cultura* (no qual explicou que cada revolução foi precedida por intenso trabalho ideológico e cultural)² Gramsci comenta o andamento do Primeiro de Maio em Turim,³ com as periferias proletárias que cercam o centro burguês.

Ocorreu como uma drenagem das forças proletárias em um sentido centrífugo e por um dia, por um momento, as classes que se contendem a história também se encontraram topograficamente em seu lugar natural. E enquanto em corso Siccardi os esquadrões de cavalaria, os grupinhos de máscarinhas disfarçadas de cavalheiros sitiavam uma casa vazia e abandonada, marcada apenas pelo vermelho da bandeira, a cidade inteira era cercada por esse imenso polipeiro humano, a cidade inteira era estreita com um anel, e nenhuma arma foi vista, nem evidente nem escondida, mas rostos sérios, dolorosos nos quais se podia ler a vontade de ferro para ter sucesso (“Due assedi”, *Il Grido del Popolo*, 6 de Maio 1916: *Cronache torinesi*, 1980, pp. 293-294).

A vontade de ferro para ter sucesso: a mesma vontade que alguns meses depois, após a primeira revolução na Rússia, e ainda mais após a segunda, ele destacará como um

² Cf. “Socialismo e cultura”, *Il Grido del Popolo*, 29 de Janeiro 1916: *Cronache torinesi*, 1980, pp. 99-103 (artigo assinado “Alfa Gamma”).

³ 1º de maio é o “Dia do Trabalho”, um dia em que há grandes manifestações de massa nas ruas e praças das cidades.

dado fundamental para explicar esses eventos inesperados e extraordinários. Nos anos da guerra mundial, o jovem jornalista socialista ergue-se como o paladino da causa proletária. Para ele, ser marxista se colocava antes de tudo isso e a adesão ao socialismo implicava a necessidade de disciplina e organização. Marx deve ser estudado e, antes de tudo, aplicado. O jovem Gramsci, como muitos de seus contemporâneos, não apenas socialistas, era fascinado sobretudo pela ação, como uma necessidade imperativa, e isso valerá muito mais no ano extraordinário, o 1917.

Naquele ano, Gramsci deixou clara sua posição em relação à chamada “revisão do marxismo” em andamento no cenário europeu, entre o final do século XIX e a Grande Guerra (cf. GIACOMETTI, 2016, p. 112). Nenhuma adesão a posições revisionistas, mas também nenhuma simples defesa da ortodoxia. Ele, pelo contrário, polemiza contra o cientificismo que havia se tornado um falso suporte para sustentar a doutrina, que, ao contrário, representava um meio para sua desconstrução. O socialismo científico lhe parece como um mito e uma forma de mecanismo, ou até um “misticismo árido” (Margini, “La Città futura”, 11 de Fevereiro 1917: *La Città futura*, 1982, pp. 23-28)⁴, ainda que seu alvo favorito fosse e continuasse sendo por muito tempo o reformismo evolucionário, que na Itália já havia se estabelecido na liderança política e sindical do Partido Socialista, em cuja unidade necessária sob o signo de uma linha coerente, marxista, ele ainda visasse e apostasse. Naturalmente, isso não significa que os “socialistas burgueses” devessem ser combatidos e derrotados e, se necessário, a referência à autoridade dos mestres poderia ser útil: no caso cabe a Engels dar, com seus *Princípios Básicos do Comunismo*, como Gramsci recorda (cf. GRAMSCI, *Assicurazioni sulla vita*, “Avanti!”, 16 de Agosto 1917: *La città futura*, 1982, pp. 278-280).

Desde que começa a se expressar publicamente, no jornais do Partido socialista, Gramsci se envolve em uma disputa com a “vulgata” da II Internacional, e, se acrescente, embora sua luta antirreformista tenha contribuído para preparar o terreno para a definição de um comunismo terceiro-internacionalista, com o próprio *Comintern* ele estará em posição dialética e não raramente duramente em confronto, mesmo antes do primeiro encarceramento⁵. Explicitamente, durante os anos da guerra, ele denuncia a “esterilização das doutrinas de Marx”, implementada na vulgata segundo-internacionalista, dominada pelo evolucionismo positivista (cf. GRAMSCI, “La critica critica”, *Il Grido del Popolo*”

4 Leia-se a propósito deste tema A. Burgio, 2014, p. 11 ss.

5 Conferir algumas observações sobre o tema em SASSOON, 2001, p. 19 ss.

12 de Janeiro 1918: *La Città futura* 1982, pp. 554-558). O 1917, com as revoltas na Rússia, que enviam uma forte mensagem ao mundo, fortalecerá a *pars destruens* da crítica gramsciana, enquanto dará um novo sabor a seus *pars costruens*: aquela cidade futura “que minha parte está construindo”, como escreve no artigo tornou-se um sinal do pensamento do jovem Gramsci (“*Indifferenti*”: *Indiferentes*) do número único titulado *A Cidade futura*, na verdade, está atualmente em construção, concretamente, e está assumindo a face de um Estado, e de uma sociedade, no vasto território do ex Império dos Romanov⁶.

O famoso número único dirigido aos jovens socialistas sai quase simultaneamente com a primeira revolução na Rússia, em fevereiro de 1917, e é um testemunho significativo da abertura mental desse jovem, ou de sua formação cultural desordenada e apaixonada. A palavra “crítica”, nesse sentido, pode ser considerada a palavra-chave de todo o sistema linguístico-conceitual gramsciano; mas é uma palavra que assume um forte valor no âmbito político, e serve para explicar amplamente a colocação anômala de Gramsci com relação à ortodoxia socialista antes de tudo, bolchevique depois, finalmente stalinista. Uma palavra que se refere à linha de Kant-Hegel-Marx, mas também ao neo-idealismo crociano e gentiliano, não devemos esquecer os dois jornais dos dióscuros da filosofia italiana: *Giornale critico della Filosofia italiana* e *La Critica*, apenas para dar um exemplo.

Crítica, portanto, aparece desde o início como adesão de Antonio Gramsci ao marxismo, partindo da mesma relação com Marx. E isso pode ser visto a partir do julgamento, absolutamente original, sobre a dupla revolução russa: original a tal ponto que nos encontramos diante de uma reelaboração subjetiva do pensamento marxista. Em outras palavras, uma espécie de sobreposição do próprio eu, sob a bandeira do voluntarismo e do subjetivismo, sobre esse pensamento, mas também, de maneira mais geral, uma posição em relação ao evento histórico que mostra uma característica de um lado ativista, do outro até profética.

Comentando a primeira revolução, a de fevereiro, Gramsci, que não esconde seu entusiasmo, se pergunta sobre a natureza dessa revolução: foi uma “revolução

⁶ Cf. “Indifferenti”, *La Città Futura*, 11 de Fevereiro 1917: *La città futura*, 1982, pp. 13-15. Este artigo, não assinado, é frequentemente citado com um título incorreto: “Eu odeio os indiferentes”, que é o começo do artigo. Sobre o ano 1917, permito-me citar meu livro *1917. L'anno della rivoluzione*, Laterza, Roma-Bari 2016, trad. Port. *1917: ano que modou o mundo*, Prefácio de Miguel Real, Bertrand Editora, Lisboa 1917.

proletária”? Portanto, uma revolução no signo de Marx. Não basta “que uma revolução tenha sido feita pelo proletariado para que seja uma revolução proletária”, argumenta Gramsci. “É necessário para isso acontecer que outros fatores intervenham, que são fatores espirituais”. É necessário que o fato revolucionário se demonstre, além de um fenômeno de potência, mesmo um fenômeno de costume, se demonstre um fato moral”. E, a resposta, para Gramsci, é que essa revolução foi “além de um fato, um ato proletário” e, portanto, “ela deve naturalmente fluir para o regime socialista”.

Revolução proletária, portanto, que levará ao socialismo: desse modo, revolução sob o signo de Marx. É uma revolução que, diferentemente da francesa, realizada pelos jacobinos, não se limitou a “substituir um regime autoritário por outro”. E ele especifica: “A revolução russa destruiu o autoritarismo e o substituiu pelo sufrágio universal, estendendo-o também às mulheres”. E argumenta, abrindo um corte interessante em seus sentimentos e pensamentos, no qual o marxismo é apresentado a nós como um movimento destinado a estabelecer o reino da liberdade. Os revolucionários russos não são jacobinos e, por isso eles quiseram substituir o autoritarismo czarista pela liberdade e, em vez de buscar uma Constituição, buscaram a “voz livre da consciência universal”. Não, eles não são jacobinos (mas dentro de alguns anos, no imediato pós-conflito, como sabemos, o julgamento mudará, e os bolcheviques lhe aparecerão como os novos jacobinos; e o jacobinismo se tornará uma das principais categorias do pensamento político gramsciano), e, portanto, “isto é, eles não substituíram à ditadura de um só a ditadura de uma minoria ousada e determinada a tudo, a fim de fazer seu programa triunfar”. Os revolucionários de Petrogrado abriram o caminho e, sob o signo de Marx, a revolução prossegue, “o proletariado industrial já está preparado para a transição, mesmo culturalmente: o proletariado agrícola, que conhece as formas tradicionais do comunismo comunal, também está preparado para a transição para uma nova forma de sociedade”. Mas o Marx de Gramsci o induz a ver nos eventos de Petrogrado o início não apenas de uma nova sociedade, mas de um “novo costume”, com a criação de “uma nova atmosfera moral”, que se expressa no estabelecimento da “liberdade do espírito”, bem como da “liberdade corporal”. E com este passo, nesse caminho, o autor, em vez de citar Marx, cita Kant, “o teórico da moral absoluta”. Da Rússia, vem, com a revolução, “a libertação dos espíritos”, “o estabelecimento de uma nova consciência moral”. Marx, no entanto, aparece, sem ser citado, com a referência aos “nossos mestres”, a quem rastreia a necessidade do “advento de uma nova ordem”. Mais uma vez, Gramsci sentencia: “a luz

vem do Leste e irradia o velho mundo ocidental” (GRAMSCI, “Note sulla rivoluzione russa,” *Il Grido del Popolo*, 29 de abril 1917: *La città futura*, 1982, pp. 138-142).

Contudo, é sobretudo sobre a segunda revolução, a de outubro, que Gramsci faz suas próprias contas com Marx. Estamos diante do célebre, para alguns “famigerado”, artigo (cf. IZZO, 2009, p. 86), *La rivoluzione contro il Capitale* (“A revolução contra o capital”), um texto atualmente carregado de elementos míticos, sobre cuja fortuna desempenhou um papel importante o título paradoxal, que acabou condicionando as leituras, muitas vezes banalizando-as em um clichê (cf. THOMAS, 2016). Argumenta-se aqui contra as leituras culturalistas e interpretações de um Gramsci desprovido de questões socioeconômicas (cf. ANDERSON, 1978), contra a tese de que, justamente usando este artigo, contrapõe-se drasticamente um “jovem” Gramsci que propõe uma leitura “criativa”, sob a bandeira do intuicionismo, entre Bergson e Sorel, e um Gramsci “maduro”, que de alguma forma volta ao rebanho da ortodoxia marxiana, privilegiando os fatores econômicos em detrimento dos espirituais. A relação entre os dois Gramsci, por assim dizer, é muito mais “articulada e complexa”, como se diz: há uma progressão da meditação filosófico-política, e no marxismo “vivente” proposto por Gramsci no artigo encontramos um elemento de continuidade que leva diretamente à fase da prisão. Labriola será importante nesse processo, que não é de distanciamento, nem de reversão, mas de aprofundamento, naturalmente crítico. No artigo emerge um Marx em uma chave idealista e voluntarista, mas que não representa uma novidade em relação às referências anteriores, em vários artigos: somente que é nisso que existe um tratamento mais amplo e de certa maneira sistêmico, que serve para fornecer uma interpretação original e de muitas maneiras até surpreendente. Comentando a tomada do Palácio de Inverno, em controvérsia com os tantos socialistas de cátedra, esse jornalista semi-desconhecido fornece uma leitura antideterminista e antimecanicista renovada e fortalecida do marxismo, insistindo no fator humano, na vontade, no espírito. Considerando que “os fatos superaram as ideologias”, Gramsci afirma, temerariamente que Lenin e seu povo “negaram Marx”, e, afirma, “que os cânones do materialismo histórico não são tão irremediáveis quanto se poderia pensar e se pensou”. Desenvolvendo o raciocínio, para evitar equívocos, ele especifica que os “bolcheviques” não negam o “pensamento imanente, vivificador” de Marx, cujo molho é que o “máximo fator da história” não são “os fatos econômicos, brutos”, mas o homem, ou melhor “as sociedades dos homens”, das quais surge uma vontade coletiva que “se torna a força motriz da economia” e, mais no geral, “o modelador da realidade objetiva”. E, ao defender os bolcheviques de qualquer

acusação de estar fora do perímetro marxista, ele fornece um elemento adicional sobre o próprio Marx. Eles, escreve, “Vive o pensamento marxista, aquele que nunca morre, que é a continuação do pensamento idealista italiano e alemão, e que em Marx estava contaminado por incrustações positivistas e naturalistas”. E aqui uma frase que certamente na época deslocou os leitores socialistas e, particularmente os intelectuais marxistas: especifica, de fato, Gramsci, que esse pensamento

sempre coloca como maior fator da história, não os fatos econômicos, brutos, mas o homem, mas as sociedades dos homens, dos homens que se aproximam entre eles, se entendem entre eles, desenvolvem através desses contatos (civilização) uma vontade social, coletiva, e compreendem os fatos econômicos, e os julgam, e os adaptam à sua vontade, até que se torne a motriz da economia, a modeladora da realidade objetiva, que vive, e se move, e adquire o caráter de matéria telúrica fervente, que pode ser canalizado onde a vontade quiser, como gosta à vontade.

O voluntarismo encontra aqui sua mais alta expressão. Marx, continua Gramsci “previu o previsível. Ele não podia ter previsto a guerra européia, ou melhor, não podia ter previsto que essa guerra teria a duração e os efeitos que ela teve”. Essa guerra acelerou o tempo histórico, particularmente na Rússia, estimulando “a vontade coletiva popular”, fora de qualquer prazo formal. Ou seja, o que aconteceu em Petrogrado e nas demais cidades daquele imenso território, minou “os cânones da crítica histórica do marxismo” os quais, em regra, apreendem a realidade, mas “a enredam”⁷. Substancialmente Lenin e seus companheiros reforçaram a rejeição de Gramsci do evolucionismo, mecanicismo e economicismo. Ligado ao antideterminismo está a convicção de que a cultura é um meio de defender o marxismo revolucionário da deriva mecanicista. A cultura prepara a práxis, a cultura responsabiliza, a cultura é o pano de fundo indispensável da vontade. Marx se torna *seu Marx*, o que significa, na perspectiva daqueles que se consideram e desejam firmemente ser um intelectual orgânico para a classe, isto é para o proletariado, *O “nosso”* Marx, famosa comemoração crítica do centenário do nascimento do pai fundador, que, como sabemos, não era marxista. É aqui, então, que o jornalista socialista ridiculariza as categorias estáticas de “marxismo” e “marxista”: “Marx não escreveu uma doutrina, ele não é um messias que deixou uma série de parábolas prenhes de imperativos categóricos, de normas indisputáveis, absolutas, fora das categorias de tempo e espaço”. É uma recusa em restringir um pensamento frutífero em fórmulas, em transformar um universo

7 A. G., “La rivoluzione contro il Capitale”, *Avanti!*, 24 de Dezembro 1917: *La Città futura* 1982, pp. 513-517; e agora com aparato crítico em *EN-SL*, pp. 617-621 (colocado, porém, na data original de 1º dezembro). O artigo escrito para o jornal “*Grido del Popolo*” de 1º Dezembro de 1917, inteiramente censurado será reimpresso em 5 de Janeiro 1918.

conceitual muito rico em um manual catequético. Um passo decisivo que, nos anos da bolchevização, será silenciado, pelo menos em parte, mas sempre persistindo sob o rastro, para que possa ser totalmente recuperado, gradualmente especificado nos anos de detenção⁸.

Quase para se defender da inevitável acusação de voluntarismo, ele explica: “A palavra não significa nada, ou é usada no sentido de arbitrariedade”, especificando:

Marxisticamente, vontade significa consciência do fim, o que, por sua vez, significa uma noção exata da própria potência e dos meios para expressá-lo na ação. Significa, portanto, em primeiro lugar distinção, identificação da classe, vida política independente daquela da outra classe, organização compacta e disciplinada para seus próprios fins específicos, sem desvios e hesitações. Significa impulso retilíneo para o fim máximo, sem passeios nos campos verdes da cordial irmandade, suavizados pelas ervas verdes e pelas suaves declarações de estima e amor⁹.

O seu é um Marx antipositivista, estranho à leitura abrandada feita na II Internacional, fortemente influenciada por Sorel, que justamente contra o marxismo evolucionista, entre o final do século XIX e a Guerra Mundial, havia lançado suas flechas, encontrando o favor de uma inteira geração de socialistas, justamente a geração de Gramsci; nem pode ser esquecida a contaminação com a filosofia analítica, da qual Pastore está entre os primeiros introdutores na Itália. Mas trata-se também de um Marx antirreformista e, nesse sentido, também soreliano; um Marx que especialmente Rodolfo Mondolfo, um marxista da cátedra, não gosta e que nem um socialista reformista de longa data, uma das principais figuras do PSI, Claudio Treves gosta: um artigo que marca talvez o ponto de maior choque entre os dois, em um “duelo jornalístico” que já dura há algum tempo e dura no tempo (cf. RAPONE, 2011, p. 276 ss). O socialismo de Treves, para Gramsci, é o da inércia, contra o qual ele se lançara já no “famoso” artigo anterior, de final de outubro de 1914, o artigo “mussoliniano”, que custou a Gramsci a acusação de intervencionismo e mussolinismo. Gramsci é coerente em sua batalha contra o evolucionismo, que significa espera, fatalismo, renúncia à ação.

A recuperação de Antonio Labriola, e uma pluralidade de estímulos culturais das mais diversas origens, ajudarão Gramsci a permanecer no caminho do marxismo crítico, ainda que em parte a situação mude precisamente com a fundação do Pcd'I (Partido Comunista de Itália), e a entrada no *Comintern* (a Terceira Internacional, a Internacional

⁸ Eu argumentei essa tese no meu livro (D'ORSI, 2018).

⁹ “Il nostro Marx”, in *Il Grido del Popolo*, 4 de Maio 1918 (não assinado): *Il nostro Marx*, 1984, pp. 3-7; de forma resumida, assinado por Antonio Gramsci em *l'Avanguardia*, 26 de Maio 1918.

Comunista, fundada por Lenin em 1919), com os relativos condicionamentos exercidos pelo “partido revolucionário mundial”, sobre os partidos “irmãos”, considerados como “seções”. É o período da bolchevização do pensamento de Gramsci, que, por outro lado, foi sugado na atividade política, antes e ainda mais depois de sua nomeação como secretário do partido, uma posição que não existia antes dele.

Resta retomar e aprofundar, e certamente discutir, o Marx nos textos dos anos 1930. Trata-se de uma espécie de *retorno a Marx*, em função senão exatamente do anti-Lenin, certamente contra a nova deriva dogmática, que basicamente parece repropôr a batalha contra a vulgata revisionista e reformista nos primeiros anos do século. Um Marx, portanto, coerente com o Marx com o qual lidamos aqui. Mas, no decorrer do discurso, no aprofundamento da análise, Gramsci passa a formular, passo a passo, uma nova teoria geral do marxismo. E vai além, talvez nem totalmente conscientemente. Em um de meus escritos recentes, usei a fórmula de “além do marxismo” para o último Gramsci, para indicar uma ultrapassagem/superação, que, no entanto, o contém: ou seja, Gramsci não abandonará Marx e nem mesmo o marxismo, mas tesaurizando todas as lições aprendidas da vida e do estudo, não apenas nos oferecerá a nova teoria geral do marxismo, como também abrirá um caminho inédito na história do pensamento¹⁰.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, P., *Ambiguità di Gramsci*, Laterza, Roma-Bari 1978.
- BURGIO, A., *Gramsci. Il sistema in movimento*, Derive Approdi, Roma 2014.
- D'ORSI, A., *1917. L'anno della rivoluzione*, Laterza, Roma-Bari 2016 (trad. port.. *1917: ano que modou o mundo*, Préfacio de Miguel Real, Bertrand Editora, Lisboa 1917).
- D'ORSI, A., *Gramsci. Una nuova biografia*, Nuova Edizione rivista e accresciuta, Feltrinelli, Milano 2018.
- GRAMSCI, A. “Audacia e fede”, *Avanti!*, 22 de Maio 1916: *Cronache torinesi. 1913-1917*, a cura di Sergio Caprioglio, Einaudi, Torino 1980, p. 328-330.
- GRAMSCI, A. “Due assedi”, *Il Grido del Popolo*, 7 de Maio 1916: *Cronache torinesi, 1913-1917*, a cura di Sergio Caprioglio, Einaudi, Torino 1980, p. 293-296.
- GRAMSCI, A. “Assicurazione alla vita”, *Avanti!*, 16 agosto 1917: *La città futura 1917-1918*, a cura di Sergio Caprioglio, Einaudi, Torino 1982, p. 278-80.
- GRAMSCI, A. “La critica critica”, *Il Grido del Popolo*, 12 de Janeiro 1918 (assinado A.G.): *La città futura* cit., p. 554-557.
- GRAMSCI, A. “Note sulla rivoluzione russa”, *Il Grido del Popolo*, 29 de April 1917 (assinado A.G.): *La città futura* cit., p. 138-142.

¹⁰ Vou desenvolver esse tema (abordado em D'ORSI 2018) no segundo artigo sobre o marxismo de Gramsci, na próxima edição desta revista.

- GRAMSCI, A. “Margini”, *La Città futura*, 11 de Fevereiro 1917: *La città futura, 1917-1918*, a cura di Sergio Caprioglio, Einaudi, Torino 1982, p. 23-28.
- GRAMSCI, A. “La rivoluzione contro il Capitale”, *Avanti!*, 24 de Dezembro 1917: *La città futura 1917-1918*, a cura di Sergio Caprioglio, Einaudi, Torino 1982, p. 513-517
- GRAMSCI, A. “Il nostro Marx”, *Il Grido del Popolo*, 4 de Maio 1918 (não assinado): *Il Nostro Marx. 1918-1919*, a cura di Sergio Caprioglio, Einaudi, Torino 1984, p. 3-7 .
- GRAMSCI, A. “Achille Loria”, *Il Grido del Popolo*, 19 de Janeiro 1918 (assinado “Manalive”): *La città futura 1917-1918*, a cura di Sergio Caprioglio, Einaudi, Torino 1982, p. 513-517.
- GIACOMETTI, S., *Il soggetto della rivoluzione. Antonio Gramsci dalla Grande guerra al biennio rosso*, Mimesis, Milano 2016.
- IZZO, F. “Marx dagli scritti giovanili ai *Quaderni*”, in DI BELLO, A. (org.), *Marx e Gramsci*. Roma, Carocci, 2009.
- RAPONE, L, *Cinque anni che paiono secoli. Antonio Gramsci dal socialismo al comunismo (1914-1919)*, Carocci, Roma 2011.
- SASSOON, D. “Gramsci e la vulgata marxista della Seconda e Terza Internazionale”, in PETRONIO, G. MUSITELLI, P. (org.), *Marx e Gramsci. Memoria e attualità*, Manifestolibri. Roma 2001.
- THOMAS, P. “A Revolution against Capital? Gramsci and the visual ‘angle’ of October 1917”, *Gramsciana*, 3, 2016, p. 35-49.

Recebido em 01 de outubro de 2019

Aprovado em 28 de outubro de 2019

Editado em 15 de dezembro de 2019